

# “Eu tô só pela destruição!” – Tradução de entrevista com organizador da greve prisional nos EUA, representante da *Jailhouse Lawyers Speak*

Sara de Araújo Pessoa\*

## Introdução

A temática do trabalho prisional é bastante conhecida dos estudiosos da criminologia crítica, principalmente daqueles que partem da economia política da pena, encontrando na conjunção cárcere-fábrica explicações para desvelar as funções e origens da pena de prisão e sua intrínseca relação com o desenvolvimento do capitalismo.

Diante da relevância teórica da questão, em pesquisa anterior debruicei-me sobre o trabalho prisional no Brasil na atualidade, a partir de estudo de caso em uma penitenciária no sul de Santa Catarina. Naquele momento, busquei compreender a dinâmica do trabalho prisional por meio de inspiração etnográfica, frequentando por alguns meses a instituição, observando e conversando com seus funcionários, participando de eventos de incentivo ao trabalho prisional, e também entrevistei homens privados de liberdade que trabalhavam para uma empresa de esquadrias de alumínio e como “regalias”, isto é, no próprio funcionamento da penitenciária (na cozinha, limpeza, etc.) (ARAÚJO PESSOA, 2019).

Na pesquisa, concluí que o trabalho prisional exercia as seguintes funções: disciplina e controle dos internos; superexploração<sup>1</sup> da mão de obra prisional para o setor privado; superexploração da mão de obra prisional para o setor público.

---

\* Professora na Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT). Mestra em Direito pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

E-mail: sara.pessoa@outlook.com

<sup>1</sup> Desta vez em coautoria com Araujo Chersoni (2022), desenvolvo melhor a ideia da superexploração a partir de uma perspectiva da teoria marxista da dependência, ferramenta teórica fundamental para compreender o avanço da exploração privada sobre os braços que se encontram em situação de cárcere, fazendo a gestão refinada deste exército de reservas, cumprindo papel histórico assim como as *workhouses* (ARAÚJO PESSOA; ARAÚJO CHERSONI, 2022).

Ainda que não seja realidade nacional, muito por falta de infraestrutura para suportar e organizar<sup>2</sup>, há um projeto em curso, uma intenção de *proletarizar* as prisões. Com isso quero dizer que sob o manto da declarada função ressocializadora da pena, Estado e capital unem-se para levar empresas às prisões que utilizarão de mão de obra carcerária. A exemplo disso, cito o decreto nº 9.450 de 2018, que institui a Política Nacional de Trabalho no âmbito do Sistema Prisional (Pnat). Junto a ele, destaco o “manual: mão de obra prisional”, lançado em 2021 pelo DEPEN, órgão do Ministério da Justiça e Segurança Pública, voltado para a inserção da iniciativa privada “[...] no processo de ressocialização do preso pela inclusão em atividades de trabalho” (DEPEN, 2021, p. 7).

Essas iniciativas inserem-se num aparato técnico-jurídico que permite a exploração dos trabalhadores privados de liberdade, que contam com pouquíssimos direitos: A remuneração desses trabalhadores é inferior ao salário mínimo, tendo como piso 3/4 do salário mínimo vigente<sup>3</sup>; as empresas são desobrigadas de recolhimento previdenciário, retenção, repasse e responsabilidade tributária da contribuição para a Seguridade Social; o trabalho prisional não está sujeito à Consolidação das Leis do Trabalho; esse trabalho dispensa a necessidade de Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS); os trabalhadores do sistema carcerário não fazem jus a férias nem ao décimo terceiro.

Ressalto que essas reflexões não se colocam contra oportunidades de redução do sofrimento que a prisão implica invariavelmente, mas trazem os alertas: a política laboral do sistema penitenciário não tem se destinado à *reintegração social* como política de direitos e assistência; se o sistema prisional brasileiro tornar-se enfim um complexo industrial altamente lucrativo ao setor privado será ainda mais difícil refreá-lo.

A problemática ganha contornos mais nítidos ao observarmos os EUA, país que lidera o ranking de encarceramento no mundo, que influencia fortemente as políticas de segurança pública brasileiras e que tem já consolidado um modelo de exploração da mão de obra prisional por empresas privadas. Essa exploração faz parte do que ativistas e estudiosos definem como “complexo-industrial-prisional”, fundamental à

---

<sup>2</sup> Em seminário online, questionei o professor Luis Carlos Valois sobre a problemática da exploração do trabalho prisional. Em resposta, ele comentou que as oportunidades de trabalho são tão ínfimas e nossas prisões não têm a mínima infraestrutura que esta [a exploração da mão de obra prisional] não seria uma questão para o momento.

<sup>3</sup> Em 2021, o STF julgou a ADPF 336 que questionava a constitucionalidade da remuneração inferior ao salário-mínimo, decidindo que não há violação aos princípios da dignidade humana e isonomia.

compreensão do encarceramento em massa na atualidade, que engloba não apenas o trabalho prisional, mas também as privatizações das prisões, alianças entre os mundos militar e corporativo, envolvimento de empresas de produções diversas (alimentação, tecnologia de segurança, construtoras) no negócio da punição, enfim, “[...] a transformação dos corpos encarcerados – e eles são, em sua maioria, corpos de pessoas de cor – em fontes de lucro [...]” (DAVIS, 2018, p. 95).

Buscando alternativas concretas de mudanças que não esperam a boa vontade do Estado, apresento tradução de entrevista realizada por Jared Ware, escritor e advogado pelos direitos das pessoas encarceradas nos Estados Unidos, com representante da organização de direitos humanos *Jailhouse Lawyers Speak* sobre a greve contra o complexo-industrial-prisional, articulada por prisioneiros de 17 estados nos EUA em 2018.

As resistências a um cenário de superexploração de mão de obra já consolidado – tomado também como nova escravidão – alertam para a dimensão do problema a nossa porta e delineiam caminhos possíveis que contam com articulação intra e extra muros. É a partir do movimento das pessoas privadas de liberdade junto àqueles que, fora das grades, lutam pela causa antiprisional, que mudanças podem acontecer. Espero que nos sirva de inspiração.

## “Eu tô pela destruição!”: Entrevista com organizador da greve prisional, representante da *Jailhouse Lawyers Speak*

Jared Ware

Pouco mais de uma semana após a incidência mais mortal de violência registrada de violência carcerária nos Estados Unidos, um quarto de século, uma coalizão de prisioneiros, incluindo representantes da organização de direitos humanos *Jailhouse Lawyers Speak*, anunciou uma greve prisional nacional.

A greve liderada por prisioneiros está marcada para ser lançada em 21 de agosto, que é o 47º aniversário da morte do organizador da prisão dos Panteras Negras e teórico político George Jackson. Ela continuará até 9 de setembro, o 47º aniversário da Rebelião de Ática.

Em 4 de maio, divulguei uma entrevista com prisioneiros da Carolina do Sul, incluindo vários representantes da *Jailhouse Lawyers Speak*, na qual discutiram que condições

dentro do sistema prisional poderiam produzir o tipo de violência que ocorreu em *Lee Correctional* [Instituto Correccional de Lee] em 15 de abril. Na ocasião, eles compartilharam seus pensamentos sobre melhorias imediatas necessárias ao sistema prisional para aliviar essas condições.

Recentemente, entrevistei outro representante da *Jailhouse Lawyers Speak*, para pensar sobre os últimos meses de planejamento interno e organização solidária no exterior. Perguntei sobre o processo de organizar prisioneiros como classe, escravidão nas prisões, sua solidariedade com os presos da ICE, diversificação de táticas e o que as pessoas de fora podem fazer para apoiar a greve.

Devido à ampla repressão contra os organizadores presos e proeminentes prisioneiros politizados, este representante da *Jailhouse Lawyers Speak* recebeu o anonimato.

**J: Faltam apenas algumas semanas para a greve e há muitas organizações diferentes tentando se envolver no exterior. Quais são algumas das coisas que eles podem fazer em solidariedade?**

**Representante da Jailhouse Lawyers Speak:** A primeira coisa é, quando eu estava conversando com alguns dos camaradas da JLS, falávamos sobre o que esses grupos podem fazer. De greves passadas, o que aprendemos - por exemplo, quando fizeram uma [demonstração] há alguns anos em setembro [2016], e então eles fizeram o *Millions For Prisoners* [Marcha dos Direitos Humanos] - o que aprendemos é que o lado de fora, quanto mais pessoas tendem a se levantar, demonstrar de fora, particularmente demonstrar às prisões, o que fazem é incitar. Incita dentro e é por isso que as prisões têm um problema com isto.

Portanto, a maior coisa que podemos pedir a qualquer um desses grupos ou organizações é que realizem algum tipo de evento, particularmente um evento que possa atrair a atenção das rádios, a atenção da mídia jornalística, qualquer coisa que possa chegar às celas e às prisões. Quanto mais programas de rádio captam, mais os prisioneiros podem ouvi-los. Particularmente, os presos que não têm acesso a telefones ou acesso à Internet podem, pelo menos, acessá-los enquanto ouvem seus rádios ou podem vê-los na televisão.

Isto é muito, muito importante. É assim que os ataques da Flórida se espalham tão rapidamente, porque eles conseguiram entrar nos canais. Eles foram capazes de criar um inferno suficiente para que a mídia pegasse e devolvesse às prisões e às celas que [agentes da prisão] realmente não queriam que entrasse.

**J: Então o plano é que isso dure de 21 de agosto a 9 de setembro, certo?**

JLS: Sim.

**J: Então as pessoas deveriam estar fazendo isso agora? Deveriam estar fazendo tudo durante a greve? Quando deveriam fazer isso?**

JLS: Todos os itens acima. Não há uma estratégia direta para isso. Acho que todos nós ainda estamos sentindo e aprendendo enquanto avançamos, mas penso que todos os itens acima. Acho que definitivamente antes [da greve].

Como por exemplo, na Carolina do Sul, quando eles realizaram a manifestação em frente à prisão de *Lee County*, que ajudou a incitar os caras dentro e informá-los que havia apoio externo até o ponto em que agora, em *Lee County*, esses caras estão de uma forma ou de outra planejando participar. Porque em certas áreas do condado de Lee você não conseguia nem saber o que estava acontecendo, mas fora [o apoio] ajudou a conseguir informações. E isso foi antes da data real da greve.

Precisamos de grupos do lado de fora para fazer isso. Outra coisa que eles podem fazer é tentar contatar organizações ou grupos em suas áreas que geralmente sabem fazer esse tipo de trabalho na prisão, e muitos desses grupos você verá nas mídias sociais, facebook, twitter, apenas se conecte com alguns desses organizadores.

O que aprendi é que esses grupos podem ser pequenos em números, e você pode ter algumas organizações maiores que queiram ajudar a ver o que podem fazer. Essas organizações maiores que querem ajudar, elas precisam se conectar com as menores que já estão trabalhando e seguir o exemplo até lá.

**J: Uma das coisas que vi recentemente é que a JLS emitiu uma declaração de solidariedade com aqueles que estão na prisão do ICE. Já houve conexões feitas pelos organizadores da greve em termos de demandas que referenciam pessoas que estão em centros de detenção de imigrantes. E a declaração de solidariedade também falou sobre pessoas que estavam trabalhando no exterior e ocupando escritórios da ICE e coisas assim.**

**Você pode expandir um pouco sobre as conexões que todos vocês estão fazendo lá, entre a sua situação e a situação dos centros de detenção de imigrantes?**

JLS: Quanto à conexão com o ICE e por que estamos solidários, o maior motivo é que entendemos essas gaiolas. E não apenas isso, mas é tudo o mesmo sistema. E isso é algo que o JLS vem promovendo desde o primeiro dia. Todo o sistema em si - o sistema judicial, o sistema de injustiça - é uma grande bola de corrupção, uma grande bola de lixo [risos]. Apenas sendo direto.

E nós entendemos a natureza exploradora disso. Independentemente do que eles dizem, é sempre orientado para o lucro, e particularmente esses centros de detenção do ICE, sabe? Sabemos que esses são definitivamente - você pode realmente olhar para eles e ser capaz de distinguir isso [com essas instalações de gerência privada] um pouco melhor às vezes do que você pode [com] algumas dessas instalações mais estaduais e federais [em execução]. Com a detenção do ICE, você pode olhar diretamente para isso e saber que estão diretamente disponíveis para ganhos financeiros, e é mais difícil escondê-lo do que para as estaduais e federais. A pessoa comum pode ver isso.

Mas nós definitivamente sentimos por aqueles que estão nessas gaiolas, naquelas gaiolas de detenção ICE. Antes de eu ser transferido para a prisão estadual [da prisão federal], na verdade eu estava enjaulado com alguns dos caras que estavam sendo transportados para a [prisão] federal do ICE [instalações], e você sempre podia ver o medo nos olhos desses homens, quando eles estavam sendo transferidos, e não apenas isso, às vezes você pode ver a tristeza, às vezes você pode ver - como eu estava explicando para alguns dos outros companheiros quando falávamos sobre isso - às vezes você pode até ver que alguns desses caras sentem como se estivessem enfrentando a morte, quando voltam para casa. Então você não pode deixar de perceber que é algo sobre o qual todos devemos nos preocupar, especialmente quando se sabe o que está acontecendo.

Mas mais que qualquer coisa, são violações dos direitos humanos, essas instalações. E mais uma vez, não posso enfatizar que são todos iguais. Está tudo na mesma cadeia, não há diferença lá. Fora o fato de que existem algumas diferenças óbvias, mas a essência e a natureza fundamentais do ICE não são diferentes de onde estou agora. É tudo escravidão.

**J: Falando um pouco sobre a escravidão nas prisões, existem várias análises desse conceito. E uma das coisas que eu acho que cria alguma tensão em torno disso, quando falamos especificamente sobre o aspecto trabalhista, é essa noção de que existem essas unidades de “privilégio” ou “personagem” que são realmente as pessoas que têm**

**mais trabalho, eu acho. Porque certamente há trabalho que acontece dentro das prisões que são algumas horas aqui ou ali, limpando, cozinhando ou fazendo outros trabalhos ao redor da unidade. Mas há pessoas que realmente argumentam - incluindo os reformadores da prisão e os abolicionistas da prisão - que as prisões não são o mesmo que a escravidão, mas são uma forma de controle social.**

**Qual é a sua análise de tudo isso?**

JLS: Bem, acho que ambos estão corretos. É um mecanismo de controle social e também escravidão.

Eu tenho que dizer isso aqui, de uma perspectiva da diáspora Africana - e tenho que dizer assim, certo? - porque muitos de nós voltamos aqui, particularmente da JLS, nós viemos de diferentes perspectivas culturais, mas de uma perspectiva da diáspora Africana: Sempre fui ensinado e acredito, com base em minha experiência cultural neste país, que o atual sistema prisional, no que se refere à perspectiva africana, é diretamente dos dias de plantação.

Eu acho que desde que os africanos saíram desses barcos, aterrissaram aqui, essa conexão foi claramente definida, mesmo quando eles foram removidos das plantações, e eles começaram a passar por todo o resto, e a 13ª Emenda [entrou] em vigor... e isso é por que os africanos da diáspora, em especial, sentem o mesmo quando se trata de prisões. Nunca tivemos muito problema em identificá-la como escravidão.

Eu me lembro do meu avô e eles, eles estavam falando sobre isso. Prisão é escravidão. Eles nunca se referiram a ela como prisão ou cadeia, eles se referiam como sendo forçados a voltar para as plantações novamente. Isso é algo que sempre entendemos. É claro que, à medida que as coisas evoluíram, o sistema evoluiu, é um pouco mais sofisticado e você sabe que as pessoas tentaram mudar o modo de falar e houve uma desconexão.

Percebo que há uma desconexão com muitos dos nossos camaradas brancos. Porque eu não acho necessariamente que eles veem a conexão lá. "Por que tantos negros veem do jeito que eles veem, assim?" Isso [vem] mais deles. E eu acho que é por causa dessa falta de experiência cultural, essa conexão cultural. A continuação [da escravidão], eles não experimentaram isso. Então eles não veem assim.

Por outro lado, também sabemos - acho que muitas vezes as pessoas pensam que, quando dizemos que é escravidão, sentimos falta do quadro maior de que também é um

mecanismo de controle social. Nós também entendemos isso. Entendemos que é um mecanismo de controle social, entendemos as conexões com o capitalismo, entendemos como esse empreendimento se espalhou pelo mundo hoje, como é muito mais do que apenas ser colocado aqui em um prédio, em uma célula. Nós entendemos tudo isso bem aí. Ninguém está perdendo essa foto também.

Mas acho que fazemos uma grave injustiça quando ignoramos o fato de que ainda é uma continuação da escravidão.

**J: Uma das coisas que temos que entender é que os prisioneiros querem ser capazes de sair de suas celas. Você vai ouvir isso de ex-prisioneiros, eu ouço isso de ex-prisioneiros, e muitas vezes são ex-prisioneiros brancos. É como se eles quisessem o trabalho, porque essa era a oportunidade para eles saírem do isolamento celular, para sair e fazer alguma coisa, fazer algo com as mãos, trabalhar, alimentar as pessoas, se comunicar.**

**Para eles, eles não encaram isso como escravidão, em parte porque olham para a perspectiva de ficarem alojados naquela cela por 23 horas por dia e não serem capazes de fazer algo tão mais prejudicial a eles do que a perspectiva de poder trabalhar, mesmo que não estivessem sendo pagos por isso. Muitas vezes penso nisso como algo interessante, porque todos conhecemos os horrores do que é a escravidão. Eu acho que há também essa percepção de que as pessoas têm que chegar, até certo ponto, que a prisão é tão horrível que as pessoas farão muitas coisas diferentes para proporcionar algum alívio a essa experiência.**

JLS: Eu sei que muitos, muitos, muitos prisioneiros prefeririam estar fora de suas celas, conseguindo algum espaço para as pernas, conseguindo alguns alongamentos nas pernas, sendo capazes de passear e ser capaz de falar, se puderem. E quando você lhes dá a oportunidade de fazer isso, se eles trabalham, obviamente, vão optar por trabalhar. Porque essa é a oportunidade que eles têm para sair, mas você está se baseando se vai ou não fazer essa mão-de-obra particular ou não. Toda a sua existência é baseada em se você vai ou não fazer esse trabalho específico ou não. Assim como essas novas "unidades de privilégio" que estão voando pelo país agora. Na Flórida, eles têm essas "unidades baseadas na fé", "unidades de caráter" e, para estarem nessas chamadas unidades superiores com privilégios superiores, é obrigatório que você trabalhe. Se você não conseguir trabalhar, você será removido dessas unidades.



Então, quando estamos olhando para isso, obviamente, muitas vezes o que encontrei é que muitos prisioneiros aceitam suas realidades. Eles aceitam esse fato, e muitos deles racionalizam isso como se “isso não é escravidão”, e eu ouvi dizer agora, de prisioneiros, que “isso não é escravidão”, você segue o que estou dizendo? Que isso é apenas uma parte de sua sentença, e é assim que eles a racionalizam. “Você sabe, bem, uma pessoa normal trabalharia. Uma pessoa normal faria 8 horas”.

Às vezes leva um tempo para tirá-los disso, porque muitas vezes se recusam a sair disso. Porque se mudarem de ideia, então começarão a se recusar a obedecer, e eles não querem se recusar a obedecer porque sabem instantaneamente que suas condições podem ir de mal a pior.

Deixe-me ser honesto. Neste momento, se você fosse trabalhar em uma liberação de trabalho *versus* uma prisão de segurança máxima, não acho que tenha muitos prisioneiros que desistam da chance de ir para uma instalação de liberação de trabalho.

Não importa o quão ruim seja o trabalho, não importa o quão perigoso seja o trabalho, não importa o quanto o trabalho possa afetar sua saúde futura. Temos empregos aqui que eu tenho certeza que estão causando tumores de prisioneiros, ou que terão tumores no futuro, problemas nos pulmões, agentes cancerígenos estão sendo dispersados por algumas dessas plantas, e eles estão fazendo tudo isso de graça. Mas eles estão fazendo isso porque querem sair dessas células. É muito melhor do que ficar nas celas o dia todo e bater com a cabeça na parede. Essas são as consequências de não trabalhar.

**J: Obviamente, isso está sendo feito em um aviso mais curto do que a greve de 2016, mas há duas coisas que vejo que todos vocês têm trabalhado a seu favor.**

**Uma delas é que as demandas que todos vocês emitiram são mais abrangentes, e as pessoas podem olhar para elas a partir de vários caminhos da vida, sejam elas radicais ou simplesmente se preocupando com outros seres humanos, e ver que essas são questões de direitos humanos que todos vocês estão organizando.**

**Acho que o outro aspecto disso é que, em termos daquilo que você está vendo das ações propostas, você ampliou o escopo dessa vez. Não é apenas sobre o lado do trabalho - o que você pode controlar, mas você não pode controlar tudo -, mas sobre outras oportunidades que as pessoas têm de resistir ao complexo industrial prisional de várias maneiras.**

**Eu queria lhe dar uma oportunidade de falar um pouco sobre a estratégia por trás disso, além de falar sobre algumas dessas demandas e oportunidades para as pessoas resistirem.**

JLS: Bem, o motivo. Quando conversamos pela primeira vez com vários prisioneiros em vários locais diferentes, eles estavam relatando e nós tentando decidir sobre essas demandas nacionais. Quando começamos, provavelmente tínhamos umas trinta e poucas demandas e estávamos tentando encurtar a lista. Tentávamos ser justos com algo que impactou a todos nós. Foi geral, mas definitivamente impactou a todos nós, e definitivamente as consideramos dentro dos direitos humanos. Esse é o tipo de linha de onde viemos.

Uma das coisas que notamos na última greve: muitas pessoas não acharam que tiveram a oportunidade de participar. Isso foi algo que notamos; Por exemplo, diziam que "nem todos nós trabalhamos". Alguns de nós, como eu, estávamos trancados durante esse período. Algumas pessoas estavam fora e trancadas nessas "unidades de bloqueio"<sup>4</sup>. Eles não trabalhavam, muitos presos não têm emprego, então como não há trabalho para eles, não há como participarem ou se sentirem parte de algo que está progredindo.

Tivemos dois ou três caras em nossas chamadas que faziam parte de instalações de liberação de trabalho ou instalações de pré-lançamento. Eles queriam saber o que poderiam dizer, porque não há como desistirem de suas posições para uma greve, mas gostariam de participar.

Outra coisa que notamos desde 9 de setembro [de 2016] - e notamos durante o dia 19 de agosto [de 2017] - é que as prisões aprenderam a posicionar os prisioneiros uns contra os outros.

Eu acho que no Alabama, eles trouxeram um monte de trabalho para liberar pessoas, trabalhar em empregos, cozinhas, limpeza e fazer os trabalhos que os [grevistas] se recusaram a fazer nos complexos em uma ou duas das prisões no Alabama. A mesma coisa aconteceu na Geórgia; notamos que isso aconteceu na Geórgia em uma ou duas das prisões naquele local.

Na Carolina do Sul notamos isso. Agora, o que eles fizeram, mais recentemente notamos, é que essas unidades [privilegiadas], sobre as quais falamos anteriormente,

---

<sup>4</sup> Do original "lockdown units", tratam-se de prisões de segurança máxima ou instalações autônomas nas quais os prisioneiros ficam nas celas 23 horas por dia.

agora estão posicionadas nos pátios, e em todo o país começamos a vê-las, e elas são posicionadas como a força de trabalho.

Toco nisso por causa do que acontece quando uma prisão é fechada, mas você ainda tem trabalhadores. Como esses caras [no bloqueio] ainda podem participar? É por isso que você vê coisas como o boicote, porque o boicote está no ponto para essas condições. É o ponto para os caras nesses campos que devem trabalhar para manter suas posições nessas instalações de trabalho ou de pré-lançamento, mas que querem mostrar solidariedade com o resto dos prisioneiros que estão nos estaleiros mais *hardcore*.

Uma das coisas que decidimos fazer foi boicotar, e acho que o irmão Bennu [Hannibal Ra-Sun do *Free Alabama Movement*<sup>5</sup>] inventou isso ali mesmo através da *Redistribute the Pain*. Nós repassamos isso de novo e de novo, e isso pareceu se alinhar e, especificamente, ainda visava o sistema, e ainda enfraquece a economia, porque no final do dia nós temos que descobrir como solapar a economia do sistema também. Essa foi uma das razões pelas quais criamos isso.

Sobre os protestos, alguns dos prisioneiros queriam uma ação mais agressiva. Em algumas das prisões, vimos ações mais agressivas recentemente em relação a eles. Queriam que isso estivesse em cima da mesa, além de greves de trabalho. Mais uma vez nem todo mundo está trabalhando e eles queriam poder participar. Eu acredito que nós vamos ver protestos em uma ou duas das prisões, talvez três ou quatro. Vamos ver, mas podemos verificar pelo menos duas prisões agora onde querem protestar.

E então tivemos a greve de fome, e a greve de fome foi feita por caras que estavam na posição que eu já estive antes, no bloqueio. Eles podem participar recusando-se a comer naquele dia em particular e mostrar sua solidariedade e resistência. Porque neste estágio particular entre os dias 21 de agosto e setembro, trata-se de mostrar solidariedade uns com os outros.

É um lembrete também. É definitivamente um lembrete de nossas posições como prisioneiros porque, em algum momento no ano passado, nós definitivamente ficamos fora de sincronia em todo o país. É uma tendência nacional no momento, estamos fora de sincronia com quem devemos transformar e com nossas posições enquanto prisioneiros. Este é um grande problema para mim, pessoalmente, e é definitivamente

---

<sup>5</sup> Movimento fundado em 2013 contra as degradantes prisões do Alabama.

um grande problema para os membros da *Jailhouse Lawyers Speak*, já falamos disso várias vezes.

Temos que colocar essas pessoas de volta na fila, lembrando o que está acontecendo, porque essas pessoas realmente nos fazem voltar uns contra os outros de alguma forma que não é realmente útil a nós, e não é útil para o movimento, nem útil para onde queremos estar.

Quero dizer, é incrível os relatórios que estamos recebendo sobre o *Redistribute the Pain*. É fenomenal. E é triste, porque sei que não poderemos mostrá-lo. Muitas pessoas não conseguirão ver isso em comparação com as paralisações do trabalho, mas é simplesmente incrível. Todos estão começando a entender, e eu suspeito e espero que se torne uma tradição mais forte em um período de tempo, para começar a fazer alguns sacrifícios econômicos no sistema prisional.

**J: Você tocou em construir solidariedade e organizar prisioneiros como uma classe. Obviamente, a greve começa no dia 21 de agosto, data marcante no mês de agosto e termina na época da Revolta Ática. O que acontece muitas vezes é que você une as pessoas e mostra a elas seu poder de realmente fazer algo contra esses sistemas que todos sentimos em momentos diferentes e, obviamente, para prisioneiros, é uma coisa constante.**

**Então fale um pouco sobre o processo de reunir diferentes grupos e o que você está vendo nesse nível e a importância disso.**

JLS: Queríamos realmente dar tempo suficiente para fazer a greve nacional para o próximo ano, esse era o plano. Mas depois do incidente na Carolina do Sul na Instituição Correcional do Condado de Lee, havia tanta confusão entre os prisioneiros sobre o que fazer, tanto conflito. Eu acho que as coisas alcançaram o que gosto de chamar de ápice no que se refere à violência.

O que as pessoas não reconhecem lá fora é que para nós em todo o país, particularmente os prisioneiros que estão ativos, isso foi como um momento de levante. Nós meio que reconhecemos, “cara, o que diabos está acontecendo?” E você sentiu as tensões em torno da nação com prisioneiros e sentiu as organizações de rua, sentiu as tensões com elas.

Sabíamos que algo precisava ser feito, e algumas ligações foram feitas entre nós e começamos a conversar. Obviamente, a JLS já cruzava as linhas nacionais com outras organizações, pessoas que já estavam construindo redes de solidariedade dentro delas, e fomos nós que nos unimos sobre o que provavelmente precisava ser feito. Mas desde a ligação, [em que pedimos mais diretamente que as pessoas se empenhassem] para juntar mais a classe da prisão, para fazê-la se concentrar em algo melhor.

O mesmo vale para o apoio externo, isso faz com que os prisioneiros também entendam que há pessoas por aí que esperam que retornemos para entrar na mesma página. É por isso que temos que saudar os que estão lá agora, que realmente estão de pé por nós e realmente nos aplaudindo, e realmente nos dizendo “nós temos vocês de volta.” Porque isso permite que os prisioneiros saibam, isso é maior do que eu, isso é maior que minha pequena organização, isso aqui é um movimento.

Uma das coisas que temos notado em vários estados diferentes, neste momento posso dizer que em pelo menos 8 estados diferentes, vimos tréguas feitas por membros de gangues, organizações de rua como eu gosto de chamá-los. Vimos muitas tréguas, elas foram feitas através das linhas. Obviamente, ainda temos alguns palpites aqui ou ali, mas quanto mais chega às prisões sobre 21 de agosto, mais prisioneiros “chegam à mesa”, mais prisioneiros estão conversando.

Também estou empolgado com o fato de termos mais prisioneiros que geralmente estão a frente nas ruas, e geralmente são os que estão falando sobre a união nas prisões. São os que mais tentam trazer os prisioneiros à causa. Eu os vejo trabalhando muito mais duro, tentando levar essas organizações de rua para à causa para conversar e acabar com suas diferenças.

Claro, não esperamos que isso acabe com toda a violência nas prisões. Prisões são um barril de qualquer maneira, da maneira como está estruturado haverá violência. Mas no nível que vimos nos últimos dois anos, isso é o que precisamos descobrir, como diminuir, porque começamos a nos concentrar no ângulo errado e na área errada, como afirmei anteriormente.

Nós também vimos os funcionários da prisão, eles estão muito cientes desses projetos de unificação que estão acontecendo em todo o país agora. Na verdade, sinto que estão ficando muito nervosos em ver esses tipos de projetos acontecendo.

Você vê a trégua lá fora [no Missouri], você vê como a trégua, [os funcionários da prisão] eles não se preocupam com o fato de que ... com o que os prisioneiros estavam

reclamando, sobre [os funcionários da prisão] estarem tão errados, ou com a destruição que os prisioneiros causaram.

O que chamou a atenção deles foi a unificação desses prisioneiros. E, particularmente, essas organizações de rua, porque sabem que esses organizadores de rua são em grande parte formados por jovens e eles têm muita energia. E a energia às vezes pode se tornar muito destrutiva. E eu sempre digo, como prisioneiro, que essa energia é ok. Ei, eu tô pra destruição! Foi isso que o camarada George Jackson disse: "Eu tô pra destruição", enquanto estivermos destruindo o sistema não estamos destruindo uns aos outros.

Muito do foco da JLS está em promover tréguas entre essas organizações de rua dentro das prisões. Por causa da taxa que elas cresceram dentro das prisões, isso é algo novo também, que vem se desenvolvendo nos últimos cinco a seis anos. Elas estiveram lá, mas não no ritmo que estão agora. Então, nosso foco foi juntá-las e tentar torná-las mais instruídas, elas precisam ser mais instruídas para esse movimento de resistência nas prisões, mais educadas sobre por que fazemos o que fazemos e por que isso é importante. Você pode ter suas diferenças, mas é importante nos unirmos quando chegar a hora de nos unirmos e é importante não nos matarmos.

Esta foi uma grande preocupação durante o tempo do camarada George Jackson e, nesse tom, foi uma grande preocupação durante o tempo em que ele estava lidando com a Nação Ariana e outros grupos racistas, e ele estava tentando dizer a eles: escutem, nós não somos inimigos, me acompanham? O inimigo é o porco, não somos inimigos um do outro, ok? Estamos lutando contra o sistema.

De qualquer forma, ele estava lidando com o mesmo elemento, o mesmo problema com o qual estamos lidando agora em um nível tão grande.

**J: Há algo que você queira dizer a outros prisioneiros que talvez ainda não tenham recebido a ligação?**

JLS: Bem, uma das coisas que eu sei é que temos muitas táticas repressivas que vêm acontecendo em todo o país. E as pessoas realmente não veem isso, mas nós sentimos isso aqui.

Eu perdi alguns companheiros que foram removidos do lugar, saíram do esconderijo e não temos mais acesso a eles. Eles foram, por falta de uma palavra melhor, apagados no momento. E assim, nós sabemos o que está acontecendo, vemos, vemos isso

acontecendo. Sabemos que existem forças que são um pouco mais pesadas do que o Estado que também estão trabalhando contra nós, [mais pesadas do que] apenas as normais com as quais lidamos. Estamos lidando com esse tipo de problema. Também notamos que as táticas de medo estão funcionando em algumas áreas.

Mas queremos que as pessoas, em especial as pessoas que se preocupam com seus entes queridos, não os desencorajem de participar, porque parte do desânimo pode vir também da família e dos amigos. Você sabe, como "e se eles o levarem para longe" ou "e se você estiver bloqueado e não pudermos mais falar com você ou entrar em contato com você". Diga-lhes para não desestimular os prisioneiros.

Elas têm que entender que nós é que estamos vivendo isso aqui, e não elas. E a razão pela qual eu digo isso para a família e amigos de alguns prisioneiros é porque descobrimos que as pessoas da prisão estão usando familiares e amigos contra os prisioneiros, e elas estão influenciando-os também. E é triste, mas estamos vendo isso, essa é outra grande estratégia que estão usando agora.

**J: Você tem alguma reflexão sobre todos os exemplos de solidariedade internacional que você viu relacionados a essa greve, mas também relacionados à greve de 2016 e aos movimentos de prisioneiros dos EUA em geral?**

JLS: Nosso movimento não é apenas um movimento nacional. Estamos testemunhando que ele cresce além das fronteiras dos EUA. A solidariedade internacional vem crescendo há alguns anos, como era óbvio em 2016.

Este ano estamos testemunhando uma solidariedade similar internacionalmente. Nosso objetivo no ano passado foi intencionalmente colocar em prática ações que deveriam nos impulsionar para as configurações internacionais. *Millions For Prisoners*, a Marcha dos Direitos Humanos [um grupo de direitos dos prisioneiros que se transformou em uma coalizão] iniciou este processo com organizadores de apoio externos, como a *Krystal Rountree*, participando de fóruns internacionais de Direitos Humanos.

Esse impulso ainda é muito ativo, pois elaboramos estratégias para que a escravidão nas prisões fosse levada para Genebra. Também vale a pena notar que agora temos um patrocinador externo que faz parte do [Comitê para a Eliminação da Discriminação Racial]. Sabíamos que esse seria um longo processo depois da Marcha dos *Millions For Prisoners*, mas nossa resolução continua a mesma. Nossas lutas nos EUA devem se

tornar parte das conversas internacionais. E julgamentos sérios devem ser feitos por esses mesmos organismos internacionais.

## Referências

ARAÚJO PESSOA, Sara de. **Estrutura social e trabalho prisional**: sobre as funções (latentes) do trabalho prisional - um estudo de caso na penitenciária sul de Criciúma - SC. 2019. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma -SC, 2019.

ARAÚJO PESSOA, Sara de; ARAÚJO CHERSONI, Felipe de. O novo caráter do mais valor: cárcere-fábrica e a superexploração do trabalhador encarcerado. In: SANTOS, Vinícius Oliveira. **A nova (e a antiga) realidade do mais-valor**: diálogos sobre trabalho e capitalismo no século XXI. 1. ed. Foz do Iguaçu: Editora CLAEC, 2022.

DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** Rio de Janeiro: Difel, 2018.

DEPEN (Brasil). **Manual**: mão de obra prisional. Ministério Justiça e Segurança Pública, Brasília, 2021. Disponível em: <[https://www.gov.br/depen/pt-br/assuntos/politicas-penitenciarias/politica-nacional-de-trabalho-prisional/politica-nacional-de-trabalho/cartilha\\_trabalho\\_prisional\\_revisao\\_gab.pdf](https://www.gov.br/depen/pt-br/assuntos/politicas-penitenciarias/politica-nacional-de-trabalho-prisional/politica-nacional-de-trabalho/cartilha_trabalho_prisional_revisao_gab.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2022.

WARE, Jared. ‘I’m for disruption’: interview with prison strike organizer from jailhouse lawyers speak. **Shadowproof**, [s. l.], 2018. Disponível em: <https://shadowproof.com/2018/08/16/im-for-disruption-interview-with-prison-strike-organizer-from-jailhouse-lawyers-speak/>. Acesso em: 22 out. 2022.